

Marxismo e nacionalismo na obra de Jorge Amado sobre a região cacaueira

LUCIVÂNIA NASCIMENTO DOS SANTOS FUSER*

Resumo: Este artigo analisa os fios discursivos do nacionalismo e do marxismo, formações ideológicas que mobilizaram o escritor Jorge Amado na sua obra sobre a antiga região cacaueira da Bahia, hoje denominada microrregião Itabuna-Ilhéus. Utiliza-se como metodologia a Análise do Discurso Francesa e identifica-se em dois romances de Jorge Amado – *Terras do Sem-Fim* e *Gabriela Cravo e Canela: Crônica de uma Cidade do Interior* – a presença de conceitos de Marx, como acumulação primitiva do capital e mais-valia, além do discurso do Partido Comunista Brasileiro (PCB) sobre as classes sociais e o desenvolvimento nacional.

Palavras-chave: Luta de classes; Identidade da região; Brasilidade revolucionária; Identidade nacional.

Marxism and nationalism in Jorge Amado's work about cocoa region

Abstract: This article analyses the discursive threads of nationalism and marxism, ideological formations that mobilized the writer Jorge Amado in your work about the old cocoa region of Bahia, currently Itabuna-Ilhéus microregion. It uses as methodology the French Discourse Analysis and identifies in two Jorge Amado's novels – *The Violent Land* and *Gabriela, Clove and Cinnamon* – the presence of Marx's concepts, as primitive accumulation of capital and surplus value, in addition to Brazilian Communist Party discourse about social classes and national development.

Key words: Classes struggle; Identity of the region; Revolutionary Brazility; National identity.



* LUCIVÂNIA NASCIMENTO DOS SANTOS FUSER é Mestra pela Universidade Federal do Sul da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade – PPGES.



Introdução

A identidade da região cacauzeira da Bahia foi tecida no contexto nacional de invenção discursiva da identidade nordestina e em meio à preocupação dos intelectuais em inventar ou revelar a identidade nacional. Esse período se estende desde o final do século XIX até a década de 1960. A região passou a ser denominada microrregião Itabuna-Ilhéus pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 1995, tendo essas duas cidades como centro regional. Mas ainda é referida pela mídia como região cacauzeira, nome que não serve mais para defini-la pelas mesmas razões nas quais inicialmente se baseou para a sua definição como Zona Fisiográfica Cacauzeira, em 1940, e Região Cacauzeira, em 1966: a atividade cacauzeira como principal atividade

econômica e modeladora das suas relações espaciais, sociais e econômicas, algo que não mais corresponde à realidade.

Com o declínio dessa atividade econômica na região, o que permanece mais forte que o critério econômico é o imaginário popular que, em grande parte, é fundamentado ou reforçado pela obra e pelos personagens de Jorge Amado. Cinco de seus romances compõem um ciclo literário voltado para falar da região ou zona do cacau: *Cacau*, publicado pela primeira vez no ano de 1933, *São Jorge dos Ilhéus*, primeira edição em 1944, *Tocaia Grande: a face obscura*, do ano de 1984, *Terras do Sem-Fim*, com sua primeira publicação em 1943, e *Gabriela, Cravo e Canela: Crônica de uma cidade do interior*, de 1958. Esses dois últimos romances são o

recorte dessa pesquisa, que tem o objetivo de analisar o processo de construção da identidade da região cacaueira na obra de Jorge Amado para identificar as principais formações discursivas com que essa identidade foi tecida e o contexto artístico-literário e científico em que esses dois romances foram escritos e publicados pela primeira vez.

Identificamos o nacionalismo e o marxismo como ideologias que regem duas formações discursivas presentes nas referidas obras. Com base em Smith (2001), entendemos por nacionalismo um movimento e uma ideologia que mobiliza artistas e intelectuais na busca de revelar ou construir uma identidade nacional. Já o marxismo é uma corrente teórica fundamentada na obra de Karl Marx, cujas principais características, segundo Bottomore (1996), são: 1) uma análise histórica sobre as mudanças dos modos de produção; 2) o progresso tecnológico (desenvolvimento das forças produtivas) e a luta de classes como os dois fatores decisivos na evolução de um tipo de sociedade para outra; e 3) uma análise do sistema capitalista como um modo de produção estruturado em classes, com a exploração da classe proletária (trabalhadores) pelos proprietários do meio de produção (burguesia), em que o conflito de classes abre caminho para o socialismo. Trata-se também de uma ideologia progressista na medida em que visa uma evolução histórica da sociedade, e que rege o discurso identificado nesta pesquisa como brasilidade revolucionária, com base em Ridenti (2010), que será explicado mais adiante.

Para analisar esses conjuntos de enunciados históricos, utilizamos como método a Análise do Discurso Francesa, baseando-se em Foucault (1999; 2008) e suas noções de formação discursiva,

dispositivo e formação ideológica; em Albuquerque Júnior (2011) sobre a formação discursiva nacional-popular, Smith (2001) sobre nacionalismo, Bourdieu (1989) sobre regionalismo, Marx (1989) sobre a ideologia marxista e Ridenti (2010) sobre brasilidade revolucionária.

Assim, utilizamos dois conjuntos de Análise do Discurso propostos por Foucault (1999, p. 1960-1961): em primeiro lugar o conjunto crítico sobre os discursos, que consiste em “mostrar como se formaram, para atender quais necessidades, como se modificaram e se deslocaram, que força exerceram efetivamente, em que medida foram contornadas”. Já o conjunto genealógico proposto por Foucault busca mostrar: “como se formaram, através, apesar ou com apoio desses sistemas de coerção, séries de discursos. Qual foi a norma específica de cada uma e quais foram as suas condições de aparição, de crescimento de variação” (FOUCAULT, 1999, p. 60-61).

Sinopses e algumas perspectivas de abordagem sobre os romances

O romance *Terras do Sem-Fim* tem como fio da trama a disputa pela posse de terras da mata do Sequeiro Grande (situada na então zona do cacau, Sul da Bahia), ainda inexploradas, entre dois coronéis de cacau (latifundiários): Horácio e Sinhô Badaró. Este estava na situação, ou seja, com poder político apoiado pelo então governador, mas por meio de uma batalha violenta entre os dois coronéis através de seus jagunços o coronel Horácio se torna o dono das terras, referendando sua posse por meio de fraude.

No decorrer da trama, o narrador busca descrever a zona do cacau, seus habitantes, as relações políticas e sociais, com foco no município de Itabuna,

desde sua formação com dois vilarejos à sua emancipação. Aparecem no romance personagens como os jagunços da família Badaró, Damião e Antônio Vítor, bem como os aliados dos dois coronéis em disputa, incluindo fazendeiros menos importantes, o juiz, o delegado, comerciantes, advogados, trabalhadores rurais e prostitutas. Muitos desses trabalhadores são migrantes do Sertão baiano, de Sergipe e de Ilhéus.

Entre as diferentes perspectivas teóricas sob as quais esses dois romances são analisados, têm-se a fenomenologia, com Rocha (2006), que consiste em compreender a região cacauieira como espaço vivido através da percepção dos seus moradores artistas em suas obras, incluindo Jorge Amado e seus romances sobre a antiga região cacauieira da Bahia, com a percepção de seus personagens e suas “relações de poder” e “injustiças sociais”. A autora acaba por reforçar as narrativas do romancista quando afirma que *Terras do Sem-Fim* “retrata a força e a violência dos coronéis na época da conquista da terra” e define *Gabriela* como um “romance de costumes”, afirmando que a obra “retrata a Ilhéus de 1920” (ROCHA, 2006, p. 185), embora se trate de uma obra artístico-literária, ficcional.

Já o artigo de Mascarenhas (2011) parte da Teoria das Representações Sociais, com base em Serge Moscovici, para explicar a influência da obra de Jorge Amado sobre as imagens mentais que se tem sobre a antiga região cacauieira na Bahia, com personagens como os coronéis e Gabriela, demonstrando exemplo de assimilação dessas imagens por moradores da região e destacando a sensualidade de Gabriela, mulata, sem, no entanto, criticar as questões racistas que estão por trás desse discurso da sexualização das mulheres negras. Essa crítica está presente em artigos como o

de Teixeira e Queiroz (2018), ao afirmar que o corpo de Gabriela é ultrassexualizado pelo escritor. Essas autoras partem do método crítico-dialético, fundamentado em Karl Marx, visando ir além do que é aparente e levando em conta aspectos sócio-históricos para analisar como se construíram as formas de pensar e representar o corpo das mulheres negras.

O romance *Gabriela* tem como fio principal a narrativa sobre o “progresso” de Ilhéus, remetendo ao passado de conflitos de posses de terras presentes em outras obras do escritor, que evoca no romance a batalha do Sequeiro Grande. No entanto, aparenta ser uma narrativa do “amor” entre os personagens Gabriela e Nacib, seu patrão que a contrata no chamado mercado de escravos como cozinheira, com quem passa a ter relações sexuais e, enciumado, decide pedi-la em casamento, anulando oficialmente a união após presenciar seu caso extraconjugal com Tonico Bastos, um dos filhos do principal coronel da região no romance, Ramiro Bastos. Como uma espécie de revanche e por necessitar de cozinheira, tempos depois, Nacib contrata novamente Gabriela e volta a ter relações sexuais com ela, dessa vez, sem compromisso, como era no início. O foco do romance, entretanto, é a busca de fixar descrições sobre a região cacauieira, tipificar sujeitos e narrar um progresso político e social.

Regionalismo e nacionalismo

A construção da identidade da região cacauieira, bem como a invenção do Nordeste, são desdobramentos ou caminhos pelos quais se trilhou para revelar as partes do território nacional, as regiões, ao todo. Essa ideia estava presente no pensamento do movimento modernista desde a Semana da Arte Moderna de 1922, em São Paulo, e no

pensamento da esquerda brasileira, sendo concretizada em obras artísticas e literárias de escritores da esquerda, como Jorge Amado, Raquel de Queiroz (que na década de 1930 era de esquerda), Graciliano Ramos e João Cabral de Mello Neto (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

Artistas da Semana da Arte Moderna de 1922 estavam preocupados em assumir uma tarefa muito comum a artistas e intelectuais de países onde a identidade nacional não foi ainda inventada. Essa “tarefa” assumida por artistas, jornalistas, cientistas e outros intelectuais, conforme Smith (2011), é a de construir uma identidade para o seu povo, ou revelá-la, criando uma ideia consolidada de nação. Nesse sentido, Mário de Andrade via uma necessidade de inventar uma tradição nacional, uma cultura pública, de evidenciar as tradições populares (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

Zilly (1999, p. 5) explica que essa “tarefa” dos intelectuais, no caso do Brasil, tinha a missão de construir a nação, a civilização e o Estado. Considera-se nesta pesquisa que a dedicação dos artistas e outros intelectuais a essa “missão histórica” é mobilizada pelo nacionalismo, e, como parte desse nacionalismo, o regionalismo. Smith (2001) apresenta os conceitos de nacionalismo em torno de cinco perspectivas, entre elas, a que conceitua nacionalismo como ideologia e movimento, pois se insere numa busca pela “gestação e representação cultural”, “como movimento sociopolítico”, Cf. Smith (2001, p. 17), imergindo na cultura da nação através, entre outras coisas, do culto da sua literatura e da renovação das suas danças nativas e canções populares, de tal modo que, geralmente, um movimento nacionalista

começa por vias culturais e de pesquisa histórica (SMITH, 2001, p. 17).

Assim, o nacionalismo cívico e voluntarista é a ideologia que rege os discursos sobre o povo brasileiro, sobre a nação, na tentativa de inventar sua identidade. De acordo com Smith (2001), “o nacionalismo voluntarista” parte da ideia de nação como “comunidade política e cultural, onde os indivíduos, por meio da memória histórica coletiva, sentem pertencer a uma nação com grandes acontecimentos e heróis comuns”, sendo a nação vista como “plebiscito diário de continuar juntos”, como uma “comunidade imaginada”; Entendemos que o nacionalismo cívico e voluntarista, no Brasil, tem como um de seus aspectos o regionalismo, que também é, ao mesmo tempo, ideologia e movimento.

Percebe-se que há uma grande preocupação do escritor Jorge Amado em descrever como é a região cacauzeira, seus habitantes, seus fenótipos, seus hábitos, tradições, um caráter que defina o povo da região cacauzeira, ao ponto de serem Itabuna e a “zona do cacau” os principais personagens do romance *Terras do Sem-Fim*. O livro narra, de forma ficcional, com alusões a episódios históricos, a trajetória de Itabuna desde o surgimento dos povoados Tabocas e Ferradas, que deram origem ao município, à sua emancipação, dando destaque às disputas políticas e pela posse de terra. A seguir, o narrador fala sobre o processo de fundação da cidade: “Primeiro não teve nome, quatro ou cinco casas apenas à margem do rio. Depois foi o povoado de Tabocas [...]” (AMADO, 2008, p. 124-125).

O narrador prossegue descrevendo o crescimento dos povoados até sua emancipação como cidade de Itabuna: “Tabocas continuava um povoado de São Jorge dos Ilhéus. [...] quando

perguntava, a um morador dali, que estivesse a passeio em Ilhéus, de onde ele era, o homem respondia cheio de orgulho: — Sou da cidade de Itabuna... (AMADO, *op. cit.*, p. 125). Do mesmo modo, Ilhéus e a região são os principais personagens do romance *Gabriela*, em que se narra o “progresso” desde a Ilhéus do período das capitanias hereditárias até a Ilhéus urbana, onde, aos poucos, a “barbárie” da violência vai dando lugar à “civilização”.

No romance *Terras do Sem-Fim*, a região é referida pelo narrador como zona do cacau, e Itabuna e Ilhéus como “as duas primeiras cidades da zona do cacau” (AMADO, 2008, p. 128). A primeira edição desse romance foi publicada em 1943. A área que se constitui o *lôcus* da narrativa havia sido classificada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como Zona Cacaueira em 1940 (ROCHA, 2006). O nome Região Cacaueira passa a ser oficial somente a partir de 1966 (ROCHA, *op. cit.*) Mas já aparece a palavra “região” para se referir à então Zona Cacaueira no romance *Gabriela, Cravo e Canela: Crônica de uma Cidade do Interior*, cuja primeira publicação foi em 1958, e também em livro do geógrafo Milton Santos intitulado *Zona do cacau – Introdução ao estudo geográfico*, no qual o autor discorre sobre o surgimento da região cacaueira como um fenômeno em pleno processo, decorrente da já existente e consolidada zona cacaueira, sendo ligada a esta e abrangendo uma área maior (SANTOS, 1957, p. 14).

Região é considerada aqui como resultado das práticas discursivas, políticas e espaciais dentro de um processo de batalha por hegemonia, pois ela surge das diferenças e das disputas pelo poder no interior da nação, entre as elites do país, e disso decorre a

diferenciação (espacial) nos processos de produção e as práticas culturais, conforme Albuquerque Júnior (2011).

Quanto ao conceito de identidade da região, Haesbaert (2010) o define como aspectos (naturais, culturais e dos habitantes) presentes em discursos políticos e científicos para diferenciar a região das demais. São essas as características que encontramos nos romances *Gabriela, Cravo e Canela: Crônica de uma Cidade do Interior* e *Terras do Sem-Fim* sobre a “zona do cacau” e a “região cacaueira”, uma narrativa ficcional sobre as origens da sua população, muitas vezes com um fundo histórico e uma base espacial real como referência, e sobre os hábitos que os definiriam na perspectiva do narrador. Já identidade regional, conforme Haesbaert (*ibid.*), consiste na consciência dos habitantes de pertencer a determinada região, ao reconhecer e assimilar seus símbolos.

Nos trechos dos dois romances em que se busca caracterizar a região cacaueira e seus habitantes, por se tratar de parte da busca de revelar a identidade nacional, tem-se o que Albuquerque Júnior chama de formação discursiva nacional-popular e descreve como um conjunto de regras de enunciação em torno da identidade regional ou nacional (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 37). Quanto ao dispositivo de poder que a sustentou, esse autor o chama de “dispositivo das nacionalidades”.

“Formação discursiva” e “discurso” podem ser considerados sinônimos. Mas o que é uma formação discursiva? Segundo Foucault (2008), há uma formação discursiva onde se pode descrever “entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se

puder definir uma regularidade” (FOUCAULT, *op. cit.*, p. 43). Uma formação discursiva, por sua vez, está submetida a uma formação ideológica e é sustentada por um dispositivo de poder. Brandão (2004, p. 48) destaca que as formações discursivas determinam o que deve ser enunciado, dentro de uma formação ideológica, em determinada conjuntura.

O narrador, em *Terras do Sem-Fim*, descreve a zona do cacau como semibárbara, destacando mais uma vez a violência como algo que a caracteriza quanto aos costumes de seus moradores: “E todos eles [...] não eram senão homens da zona do cacau, adaptados aos costumes da região ainda semibárbara com suas lutas sangrentas, tocaias e mortes” (AMADO, 2012, p. 36). Os moradores da antiga região cacaueira são chamados de grapiúnas, termo da língua Tupi utilizado pelos sertanejos baianos para se referir aos nascidos no litoral Sul da Bahia: “e em pouco eram ilheenses dos melhores, verdadeiros grapiúnas plantando roças, instalando lojas e armazéns, rasgando estradas, matando gente, jogando nos cabarés, bebendo nos bares” (AMADO, *ibid.*).

Observa-se no trecho acima elementos com os quais o narrador descreve os grapiúnas e a identidade da “região” ou “zona do cacau”: além da atividade cacaueira, o romancista inclui “matar gente”. Esse estereótipo, que se repete ao longo das suas narrativas ficcionais, é chamado por Albuquerque Júnior (2011) de estereotipia da violência: “— Eu me boto pra Tabocas... [...] Diz-que é um lugar de futuro. — Mas diz-que também é uma brabeza. Que é um tal de matar gente que Deus me perdoe” (AMADO, 2008, p. 19-20).

Não se trata de negar que tenha havido conflito armado em disputas pela posse de terra na região, pois se sabe que a

violência ocorre em todo processo de acumulação primitiva, como foi na Europa, na expulsão dos camponeses das propriedades coletivas chamadas terras comunais (MARX, 1989), e no Brasil, onde se inclui a violência dos colonizadores brancos e seus descendentes contra os índios e os negros e nas disputas entre os descendentes dos colonizadores (W. SANTOS, 2018). Mas trata-se de constatar o exagero das narrativas ficcionais sobre a violência como se fosse característica da região, a exemplo das tocaias, quando se diz, no romance *Gabriela*, que “cada grande árvore escondia um atirador na tocaia, esperando sua vítima” (AMADO, 2012, p. 21).

Os personagens e o narrador dos dois romances aqui analisados descrevem a região como a terra mais violenta do país, repetidamente: “terras de fartura e valentia” (AMADO, *op. cit.*, p. 76); “Virgílio pensou que a noite chorava pelos mortos todos daquela terra. Eram muitos, só mesmo um temporal de chuva pesada para atender a tanta morte violenta!” (AMADO, 2008, p. 214). A edição de *Terras do Sem-Fim* publicada nos Estados Unidos em 1945 recebeu o título *The violent land* (*A terra violenta*).

A estereotipia se dá por meio da repetição (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). Nesse sentido, a estereotipia da violência como estigma sobre o Nordeste no mosaico nacional, conforme Albuquerque Júnior (2011), está dentro da regularidade discursiva nacional-popular, com imagens e enunciados que se repetem, entre outros estereótipos fixados sobre o Nordeste no período da sua invenção discursiva, que teve vários tecelões não só do Sul, mas também do Norte.

Para Bourdieu (1989, p. 125), o que dá à revolta regionalista ou nacionalista suas

determinantes simbólicas, unificando o grupo na objetivação de sua mobilização, é o estigma. Entre os estereótipos que foram as origens dos estigmas sobre a área do então Norte – que passou a se chamar Nordeste pela primeira vez em órgão oficial em 1920, com a criação da Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca (IFOCS), e oficializada como região Nordeste pelo IBGE em 1940 (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011) –, esse autor cita a seca, o messianismo, o coronelismo e o cangaço como imagens que iam sendo repetidas em textos jornalísticos do Sul sobre o então Norte e em narrativas de intelectuais da própria região e de viajantes do Sul, de modo que intelectuais do Sul passaram a estigmatizar o então Norte e, depois, o Nordeste, como terra de primitivos, loucos, fanáticos, violentos (ALBUQUERQUE JÚNIOR, *op. cit.*).

A formação discursiva nacional-popular é verificada também nos trechos em que o narrador fixa a identidade cacaueira citando o cacau como modelador da cultura, do espaço e dos costumes, como algo que prende as pessoas àquela região. Um exemplo é o trecho que mostra o remorso de Virgílio, um migrante de Salvador, após encomendar um assassinato: “Agora os seus pés também estão presos ao visgo do cacau daquela terra, visgo de cacau mole, visgo de sangue também” (AMADO, *op. cit.*, p. 217).

Nessa mesma formação discursiva (nacional-popular), têm-se os trechos em que o narrador cita locais reais da cidade de Ilhéus, como o Porto da Barra, o Bar Vesúvio, a igreja e a praça São Sebastião, o bairro do Malhado, o Alto da Conquista, a igreja de São Jorge, as roças de cacau, juntamente com municípios e povoados da região que fazem parte da chamada região

cacaueira, hoje, microrregião Itabuna-Ilhéus, composta por 41 municípios.

A brasilidade revolucionária

Em ambos os romances de Jorge Amado analisados nesta pesquisa, o escritor busca retratar não só o “povo brasileiro”, mas as classes sociais, os trabalhadores explorados pelos proprietários de terras. Por meio da formação discursiva da brasilidade revolucionária, Jorge Amado descreve as classes sociais (de um lado, a classe trabalhadora, composta por trabalhadores rurais, jagunços e prostitutas dos povoados, com a sua condição de pobreza e miséria, e, de outro, os coronéis do cacau, latifundiários).

Ridenti (2010) explica que “brasilidade revolucionária” é “uma vertente específica de construção da brasilidade identificada com os ideais, partidos e movimentos de esquerda, e também presente em obras e movimentos artísticos” que, iniciada na década de 1930, ganha destaque entre as décadas de 1950 e 1960. “Trata-se de uma aposta nas possibilidades da revolução brasileira, nacional-democrática ou socialista, que permitiria realizar as potencialidades de um povo e de uma nação” (RIDENTI, 2010, p. 10). Essa “brasilidade revolucionária”, que consideramos em nossa pesquisa uma formação discursiva cuja formação ideológica é o marxismo, baseada na luta de classes, é caracterizada pelo “compartilhamento de ideias e sentimentos de que estava em andamento uma revolução, em cujo devir artistas e intelectuais teriam um papel expressivo, pela necessidade de conhecer o Brasil e de aproximar-se de seu povo” (RIDENTI, 2010, p. 10).

A “brasilidade revolucionária” buscava, portanto, conforme Ridenti, “diferenciar-se das experiências, por vezes

traumáticas, da União Soviética e dos países do Leste Europeu; seria uma revolução que se assemelhasse com a realidade nacional do povo brasileiro, com seus elementos identitários e culturais e suas lutas históricas no processo de modernização da sociedade” (RIDENTI, 2010).

Quando o livro *Gabriela* foi escrito, o Brasil estava sendo governado por Juscelino Kubitschek, apoiado pelo PCB, que adotou a postura da conciliação com a burguesia nacional a fim de alcançar o desenvolvimento econômico e industrial do Brasil e enfraquecer as oligarquias rurais. Tratava-se, portanto, de uma linha de pensamento desenvolvimentista e nacionalista, expressa de forma clara em 1954, no IV Congresso do PCB, em seu “*Manifesto de Agosto*”, “colocando como objetivo fundamental ‘a derrubada do governo de latifundiários e grandes capitalistas’ no processo de revolução democrático-popular num país considerado semifeudal” (RIDENTI, 2010, p. 59).

O pensamento marxista sobre o avanço do sistema capitalista inclui a ideia de que a sociedade está em progressão para o socialismo, que surgirá das contradições internas do sistema capitalista. Essa progressão se dá por meio da expansão do capital por todo o mundo até que, a partir da ação revolucionária da classe trabalhadora, seja erigido o sistema socialista. Para Marx, a urbanização, o avanço da técnica, o aumento da produção em grande escala, o expansionismo, o imperialismo, são etapas da acumulação do capital até a transição para o socialismo. A partir dessa concepção evolutiva do processo social, explica-se o desenvolvimentismo presente no pensamento do PCB que subsidiou a

conciliação com a burguesia nacional e o apoio a Kubitschek.

Dentro dessa mesma perspectiva, sob a formação ideológica marxista e dentro das regularidades discursivas da brasilidade revolucionária, tem-se no romance *Gabriela* uma narrativa ficcional que foca no processo histórico da cidade de Ilhéus e da região cacauceira. O narrador apresenta uma visão linear do progresso da região, desde a capitania de São Jorge dos Ilhéus, com a aristocracia e os engenhos de açúcar. Mais tarde, essa classe senhorial é substituída pela nova burguesia rural do cacau e, por fim, ocorre a perda do poder político dessa classe, liderada pelo coronel Ramiro Bastos, no romance, substituído por uma burguesia urbana ligada ao capital internacional, representada pelo personagem Mundinho Falcão, um forasteiro oriundo das elites do Sul do país.

A cidade e a região estavam crescendo, urbanizando-se, e isso parecia um processo inevitável, visto pelo coronel Ramiro Bastos com desconfiança e temor. O oligarca, de acordo com a narrativa de Jorge Amado, “olhava com desconfiança certos empreendimentos, e, sobretudo, certos hábitos novos. [...] o coronel fazia quase sempre o que queria, com um supremo desprezo pela opinião pública” (AMADO, 2012, p. 60). O narrador indica o declínio político do coronel, líder dos latifundiários da região no romance, à medida que o “progresso inevitável” se impõe: “nos últimos tempos sentia seu indiscutível prestígio um tanto quanto abalado. Não pela oposição, gente sem conceito, mas pelo próprio crescimento da cidade e da região, que às vezes queria escapar de suas mãos agora trêmulas” (AMADO, *ibid.*). A narrativa deixa clara a dicotomia entre progressistas e

conservadores: “Ele ouvira a conversa das netas: ‘Vovô é retrógrado!’” (AMADO, *ibid.*).

Assim, a narrativa cita várias vezes a ideia de progresso tanto no sentido da urbanização do município e da mudança de costumes quanto no seu significado político: “‘É progresso!’ Diziam orgulhosamente, conscientes de concorrerem todos para as mudanças tão profundas na fisionomia da cidade e nos seus hábitos” (AMADO, 2012, p. 20).

Na dicotomia entre progressistas e conservadores, tem-se, de um lado, intelectuais progressistas, que são membros de uma classe média urbana, como os personagens Doutor, Capitão e o professor Josué, que apoiam Mundinho Falcão como nova liderança. De outro lado, situam-se os conservadores Ramiro Bastos, Dr. Maurício Caires, Melk Tavares, coronel Jesuíno e outros personagens da oligarquia cacauzeira no romance, que resistem ao forasteiro, o qual, por sua vez, passa a fazer oposição ao mandatário tradicional da região. No romance, o coronel Ramiro Bastos escolhia o juiz, o delegado e os prefeitos de Itabuna e de Ilhéus.

Em *Terras do Sem-Fim*, tanto quanto em *Gabriela*, o dualismo de classes aparece nas descrições de mão-de-obra mal remunerada, de um lado, e na riqueza dos fazendeiros, de outro, sendo os latifundiários descritos ao final de *Gabriela* como “os coronéis do cacau, donos de imensas extensões de terra e da vida dos homens sobre a terra curvados (AMADO, 2012, p. 314). A exploração aparece nas falas dos trabalhadores se referindo ao contraste entre seus baixos salários e a prosperidade da região: “— Tem dinheiro muito, mas a gente não vê” (AMADO, 2008, p. 83). Também, no trecho a seguir: “— [...] Tu vai gastar uns dez mil-réis pra comida. No fim do

mês tu tem 15 mil-réis ganho do trabalho [...] Teu saldo é de cinco mil-réis, mas tu não recebe, fica lá pra ir descontando a dívida dos instrumentos...” (AMADO, 2008, p. 88).

Nesse sentido, Marx apresenta a produção capitalista como condição da obtenção da mais-valia, e esta como pressuposto da acumulação do capital (MARX, 1989, p. 828). A mais-valia consiste no pagamento de apenas uma parte do valor do trabalho pelo proprietário dos meios de produção ao trabalhador.

A acumulação primitiva do capital é outro conceito de Marx que aparece nos romances através dos caxixes (fraudes em cartórios) e dos conflitos pela posse de terra. A acumulação primitiva do capital na Europa, que impulsionou a ascensão da burguesia, teve como métodos, segundo Marx (*op. cit.*), entre outros, o roubo dos bens da Igreja, fraudes na apropriação de terras do Estado, roubo de terras comunais e a transformação da propriedade privada e do clã em propriedade privada moderna (MARX, 1989, p. 850). Marx acrescenta ainda que essa expropriação foi “levada a cabo com terrorismo implacável” e que a acumulação primitiva do capital é a origem da burguesia em qualquer sociedade em que há uma transição para o capitalismo, apresentando várias fases e diferentes aspectos nos diversos países (MARX, 1989, p. 831).

Nesse sentido, as disputas entre coronel Horácio e o Sinhô Badaró em *Terras do Sem-Fim* e outras disputas evocadas em *Gabriela* se inserem nessa formação ideológica, a marxista, e segue regularidades discursivas da brasilidade revolucionária. Essa constatação se aplica tanto às disputas por posse de terra e aos conflitos políticos quanto ao dualismo de classes que, na linha progressiva no romance *Gabriela*,

culmina na organização da classe trabalhadora urbana: “No Unhão, num velho sobrado, instalara-se a União de Artistas e Operários, com seu Liceu de Artes e Ofícios” (AMADO, 2012, p. 314).

O coronel Ramiro Bastos havia morrido por causa natural e, com um acordo entre os progressistas e a burguesia, tal qual a conciliação comunista brasileira com a burguesia visando o progresso do capitalismo nacional, o exportador Mundinho Falcão se consolida como liderança, sendo eleito deputado federal. Nesse contexto, organiza-se a classe trabalhadora urbana, e na inauguração da União de Artistas e Operários, o sapateiro Felipe se pronuncia dizendo “ser chegado o tempo dos trabalhadores, nas suas mãos estava o destino do mundo” (AMADO, 2012, p. 314). Trata-se de uma alusão a *O Manifesto Comunista* (MARX; ENGELS, 1999, p. 65): “Os proletários nada têm a perder [...] a não ser as suas cadeias. Têm o mundo a ganhar. Proletários de todos os países, uni-vos!”.

Amado faz a denúncia da exploração dos trabalhadores rurais, que, no Brasil, foi originada na escravidão. O escritor usa a fala dos personagens negros para enfatizar que o cativo não acabou, pois eles permaneciam nas camadas mais pobres da sociedade: “— Eu era menino no tempo da escravidão... Meu pai foi escravo, minha mãe também... Mas não era mais ruim que hoje... As coisas não mudou, foi tudo palavra” (AMADO, 2008, p. 88-89). Na narrativa sobre os pés e mãos negras dos trabalhadores, Jorge Amado faz referência ao “grupo de barcaças onde o cacau seca ao sol, pisado pelos pés negros dos trabalhadores” (AMADO, 2008, p. 47).

Considerações finais

Os romances *Terras do Sem-Fim* e *Gabriela* são produtos da formação discursiva nacional-popular, um conjunto de regras de enunciação sustentadas pelo dispositivo da nacionalidade, mobilizada pelo nacionalismo cívico e voluntarista, com o dualismo Norte/Sul, e atravessada pela formação discursiva marxista da brasilidade revolucionária, cujo dualismo é o das classes, no processo de busca de intelectuais em revelar a identidade do povo brasileiro.

Entre as regularidades discursivas regidas pelo marxismo presentes na formação discursiva da brasilidade revolucionária, além da luta de classes, aparecem nos dois romances amadianos aqui analisados as disputas entre as elites pela posse de terra, a expropriação de pequenos agricultores por meio das fraudes de documentos, a narrativa da transição de fases do modo de produção, desde a capitania de São Jorge dos Ilhéus, com a aristocracia e os engenhos até a burguesia do cacau. Especificamente no romance *Gabriela*, tem-se também nessa formação discursiva a disputa política entre progressistas e conservadores, com a vitória dos primeiros, demonstrando uma abertura da região para o “progresso” das forças produtivas e uma mudança nas relações políticas, antes dominadas pela burguesia rural.

A formação discursiva da brasilidade revolucionária converge com a nacional-popular na medida em que ambas têm como um dos objetivos descrever o povo brasileiro e revelar sua identidade. Nessa convergência discursiva, insere-se a busca do escritor Jorge Amado em revelar a identidade da região cacaueira para o território nacional, tentando descrever seu povo, seus costumes, tradições e seus aspectos econômicos,

políticos e naturais. Desse modo, o regionalismo é parte do nacionalismo, e descrever o povo de uma região ou a nação consistia em aproximar-se do povo brasileiro. Dentro do viés da brasilidade revolucionária, esse conhecimento sobre o povo e essa aproximação eram considerados necessários para fazer uma revolução que tivesse uma identidade brasileira.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

AMADO, J. **Cacau**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1976. 136 p.

AMADO, J. **Gabriela, cravo e canela: crônicas de uma cidade do interior**. 2a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Terras do Sem-fim**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, 270 p.

BOTTOMORE, T. “Marxismo”, In: OUTHWAITE, W.; BOTTOMORE, T., **Dicionário do Pensamento Social do Século XX**, p. 445-449. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRANDÃO, H. H. N. Introdução à análise do discurso. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

ESPINOSA, R. **Jorge Amado**. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2008. 236 p.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1999.

HAESBAERT, R. “Identidades territoriais”. IN: ROSENDAHL, Zeny, e CORRÊA, Roberto Lobato. (org.) **Manifestações da Cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

MARX, K; ENGELS, F. **O Manifesto Comunista**. Edição digital: Ridendo Castigat Mores. Versão para eBook: eBooksBrasil.com, 1999. Disponível em

<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/manifestocomunista.pdf>. Acesso em 05.02.2020.

MARX, K. **O Capital** – Crítica da Economia Política., Livro 1 – O processo de produção do capital, Volume II, 12ª edição. Tradução de Reginaldo Sant’Anna. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 1989.

MASCARENHAS, A. G. S. A influência da obra de Jorge Amado nas representações sociais da região cacaueira. **Espaço Acadêmico**, n. 126, nov. 2011, pp. 108-117.

RIDENTI, M. **Brasilidade revolucionária: um século de cultura e política**. São Paulo: Editora Unesp, 2010. 169 p.

ROCHA, L. B. **A Região Cacaueira da Bahia** – uma abordagem fenomenológica. 2006. 292 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, 2006. Disponível em: <http://livrandante.com.br/lurdes-bertol-rocha-regiao-cacaueira-da-bahia/>. Acesso em 05.05.2020.

SANTOS, M. **Zona do cacau** – Introdução ao estudo geográfico. 2. ed. São Paulo: São Paulo Editora S/A, 1957.

SANTOS, W. A. Cangaço: um movimento social. **Revista Caribeña de Ciencias Sociales**, pp. 1-9, 2018. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/caribe/2018/02/canga-co-movimento-social.html>. Acessado em 15.05.2020.

SMITH, A. **Nacionalismo**. Lisboa: Editorial Teorema, 2001.

TEIXEIRA, M. S. S. P. QUEIROZ. Corpo em debate: a objetificação e sexualização da mulher negra. **V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**. Campina Grande: Editora Realize Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30488>. Acesso em 20.10.2020.

ZILLY, B. Sertão e Nacionalidade: Formação Étnica e Civilizatória do Brasil Segundo Euclides da Cunha. **Estudos** – Sociedade e Agricultura. Rio de Janeiro: UFRJ/CPDA, nº 12, abril de 1999. Disponível em <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/144/141>. Acesso em 05.08.2020.

Recebido em 2020-08-07
Publicado em 2021-07-01